



CADERNO DE ARTISTA

# Uma narrativa ilustrada no corpo: algumas encenações de Nelson Baskerville

A narrative illustrated  
in the body: some  
performances by Nelson  
Baskerville

Nelson Baskerville<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ator, encenador e artista plástico, formado pela EAD - USP e pela Uni-Ítalo. E-mail: contato@nelsonbaskerville.com.

## Resumo

Este caderno de artista é uma compilação de textos, anotações e desenhos do professor, ator, artista visual e diretor de teatro natural de Santos, cuja produção é marcada pela fragmentação em suas escolhas formais e pelas imagens inquietantes. Somam-se a esse repertório, que permite vislumbrar inspirações e metodologias de trabalho realizadas junto a diferentes coletivos teatrais, breves relatos do artista, que revelam o impacto em seus processos criativos de eventos pessoais e de parcerias e influências estéticas.

## Palavras-chave

Caderno de direção; Pedagogia teatral; Teatro documentário; Artista polifônico.

## Abstract

This artist's notebook is a compilation of texts, notes and drawings by the teacher, actor, visual artist and natural theatre director from Santos, whose production is marked by fragmentation in its formal choices and disturbing images. Added to this repertoire, which allows us to glimpse inspirations and work methodologies carried out with different theatrical collectives, are brief reports by the artist, which reveal the impact on his creative processes of personal events and partnerships and aesthetic influences.

## Keywords

Directing notebook; Theatrical pedagogy; Documentary theatre; Polyphonic artist.

## 1 Fragmento I: quebra-cabeças

Fragmentos. É assim que posso dissertar sobre minha carreira. Acredito (talvez) que o traço mais comum entre as encenações que tenho realizado, algumas aqui comentadas, seja a fragmentação. Porque eu mesmo sou fragmentado, sempre fui. Meus pensamentos não são lineares, minha cabeça é um quebra-cabeças, onde misturo fatos (se é que existem) e fantasias (nem sempre lúdicas e idílicas, quase sempre terríveis).

Por isso, mesmo que me depare com uma obra consagrada, preciso “quebrá-la” para entendê-la. Seria algo como quebrar um brinquedo para poder brincar com seus vários pedaços e multiplicar as possibilidades dadas por ele, inicialmente.

Para falar desse todo cheio de partes, então, uso desenhos e anotações dos meus *Cadernos de Direção* (um para cada obra), pinturas feitas em períodos de ensaio e alguns textos.



Fig. 1 - *Caderno de Direção*, com anotações de Nelson Baskerville para a montagem de Luis Antonio - Gabriela, 2010. Autoria de Nelson Baskerville (2023) arquivo do autor.

Não tenho a menor dúvida de que trouxe essa característica de uma infância conturbada. A morte da minha mãe durante meu parto; o segundo casamento de meu pai com minha madrasta; ser o menor dentro de uma família com nove filhos de três origens diferentes, alguns bem mais velhos que eu. A história da minha mãe, já em si, justificaria minha fragmentação: nunca me foi explicado o acontecido. Existe um buraco dentro da minha barriga; ele é centralizado e inclui o coração, os pulmões, os rins, o estômago e a parte de cima do intestino. Passei boa parte da minha vida tentando preenchê-lo. Já usei cigarro, doces, comida, massagem, bebida... até descobrir e nomear o buraco: “Mãe”.



Fig. 2 - Álbum Bebê Bolinho. *Caderno de Direção*, com anotações de Nelson Baskerville. Autoria de Nelson Baskerville (2023). Arquivo do autor.

Fui, aos poucos, juntando e colando esses pedaços, com o olhar de um menino, entre meus primeiros sete anos de vida. Um dia, descobri que a mulher a quem chamava mãe não era minha mãe; que alguns irmãos não eram meus irmãos; que meu irmão mais velho era “diferente”; que meu pai batia em todos (principalmente no irmão diferente); que minha mãe biológica havia morrido

no dia do meu aniversário, e depois, que ela havia morrido durante o meu parto. Não havia um dia sem brigas em casa. Um dia, veio até a polícia na porta. E eu, para quem nada era explicado, fui me isolando daquela hostilidade e criando um universo muito mais amável e carinhoso do que o que me cercava. Era como gostar de ficar debaixo d'água, onde os sons reais eram distorcidos e as imagens eram vitrais, e só em extrema necessidade tirar a cabeça, para tomar ar, e voltar.



Fig. 3 - Circo Esquivo (2011) - Pintura do autor. Técnica mista sobre lona de circo reciclada e em chassi de chapa de madeira \ 1,30x1,80m. Disponível em: <https://www.nelsonbaskerville.com/cat%C3%A1logo>.

Entre os dez e os quinze anos de idade, minhas brincadeiras misturavam índios de um forte apache de um irmão, soldados da Segunda Guerra muito maiores que os índios, de outro irmão, algumas tartarugas verdes, que eu roubava de outro, vasos de plantas e uma vitrola (que, muitas vezes, era palco giratório), com o disco verde da Dona Baratinha: “[...] quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha...”. E eu chorava toda vez que o Senhor Ratão (o noivo) caia na panela de feijão.

## 2 Fragmento II: Moritz, Ternos e Eletrodomésticos (2007)

Sou e sempre fui um professor. Qualquer conhecimento só é apreendido por mim quando passo para frente. Fauzi Arap, meu grande mestre, que me dirigiu em *Uma Lição Longe Demais* (1986), de Zeno Wilde, foi também um grande astrólogo. Ele me disse, um dia: “- Você não consegue guardar nenhuma informação só para si, como uma espécie de ‘fofoqueiro’. Você precisa passar tudo que aprende, imediatamente, para frente para não perder”.<sup>2</sup>

2 Informação verbal.

Tornei-me professor do Teatro-Escola Célia Helena em 1991, tendo tido, até aquele momento, apenas duas ou três experiências em direção teatral. Foi ali, diante de muitos olhos curiosos e disponíveis, que tive meu grande laboratório e me tornei “encenador”. No Célia Helena, entre os anos de 1991 e 2016 (com algumas interrupções), montei entre sessenta e oitenta peças teatrais com os e as estudantes. Acredito que esse grande laboratório tenha me formado como encenador. As montagens à princípio eram forçadas das circunstâncias: número de mulheres/atrizes sempre maior que o de homens/atores, todos muito jovens (a escola aceitava jovens a partir dos quinze anos de idade) e classes de dez a vinte estudantes. Refiro-me a elas como circunstâncias, porque tais características, de certa forma, formataram os experimentos: fazíamos os experimentos com várias cenas, ou montávamos peças na forma épica, quer dizer, sem a necessidade de “coincidência” entre os gêneros da personagem e do ator ou atriz.



Fig. 4 - Cartaz de divulgação de *Moritz, Ternos e Eletrodomésticos* (2007). *Moritz* é uma livre adaptação de *Despertar da Primavera*, de Frank Wedekind, montado com a turma de formatura do Teatro-Escola Célia Helena. Design de Nelson Baskerville (2007). Arquivo do autor.

Foi de Alexandre Mate que ouvi, pela primeira vez: “- Você é polifônico!”.<sup>3</sup> Através do olhar dele e de outros colegas, e dos muitos anos como professor, fui entendendo em mim essa qualidade.

Em 2007, trabalhei com uma ótima turma, com a qual decidi montar o *Despertar da Primavera* (1890-1891). Minha primeira preocupação era a de entender aquela juventude de 1889 e ressignificá-la na contemporaneidade. Mas, eram mundos completamente diferentes, em relação às preocupações daqueles jovens; a exemplo da abordagem sexual do texto de Wedekind, já algo resolvido pelos “meus” jovens.

Após muita conversa com o grupo, levantamos as preocupações deles e delas: a maior, notei, era o que fazer depois daqueles três anos de curso técnico de teatro. A maior parte do grupo estava em torno dos dezoito anos e, claro, sendo pressionada pelas famílias sobre assumir outras profissões, que não fosse “teatro”. Todos preocupados em ser, e suas famílias preocupadas com o ter. Por isso, chamei minha adaptação do texto original de *Moritz, Ternos e Eletrodomésticos*, na qual Moritz é o menino que, por não aguentar a pressão do mundo, se mata. Quando os alunos/atores e as alunas/atrizes perceberam que estavam falando de si, através do texto de Wedekind, entregaram-se de corpo e alma ao projeto.

Considero este um dos meus melhores trabalhos dentro do Teatro-Escola Célia Helena. Havia lá o conceito do coringa, mas não da forma exata que se conhece, a de um ator ou atriz que desempenha vários papéis. Em meus trabalhos, os coringas interpretam e são responsáveis pelas mudanças de cenário e de luz (algumas vezes) e, praticamente, ficam em cena o tempo todo. A ideia é que todos fazem o espetáculo o tempo todo e não somente quando “interpretam” suas personagens; todos são responsáveis por tudo. Fui descobrindo, com isso, que a movimentação gerava imagens convergentes para o espetáculo. Tornou-se um vício.

*Moritz* foi convidado para representar o Teatro-Escola Célia Helena no Festival de Teatro Universitário, em Blumenau. A recepção da banca não foi nada acolhedora, e cheguei a ouvir de um dos “julgadores”: “- Se os atores estão preocupados em mexer no cenário, como é que vão interpretar personagens?”.

Isso me fez entender que estava no caminho certo. Não parei mais.



Fig. 5 - Desenho dos ensaios de *Credores* (2012), com detalhe da atriz Carolina Mânica, de Nelson Baskerville. Arquivo do autor.



Fig. 6 - *Credores*. [2012]. Direção de Nelson Baskerville. Cia. Mamba de Artes. Na cena, Bruno Perillo, Carolina Mânica e Flavio Barollo. Foto: Lígia Jardim. Arquivo do autor.



### 3 Fragmento III: intermediação

Não me considero especial. Mas minha obra serve como intermediária entre o real e o que podemos suportar. Uma forma de diluir a cruel realidade, porque eu mesmo me vali de tal expediente. Sou intermediário entre o cotidiano cruel e o que eu próprio posso suportar.



Fig. 7 - Cartaz de divulgação de *17x Nelson - Se não é eterno, não é amor* (2012), adaptação teatral com textos diversos de Nelson Baskerville. Design de Nelson Baskerville (2012). Arquivo do autor.



Fig. 8 - *17x Nelson*, 2012, adaptação teatral com textos diversos de Nelson Rodrigues. Direção de Nelson Baskerville. Foto: Bob Sousa. Arquivo do autor.

#### 4 Fragmento IV: Luis Antonio – Gabriela<sup>4</sup> (2011)

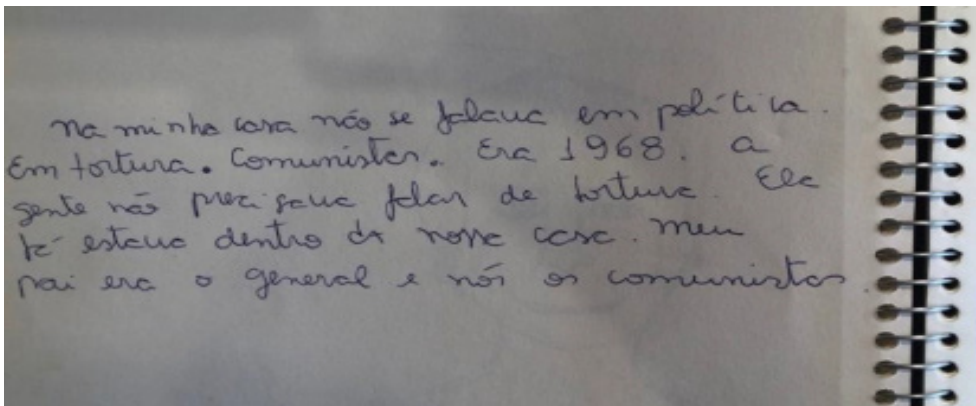


Fig. 9 - Anotação do encenador em seu *Caderno de Direção*, que se tornou texto do espetáculo *Luis Antonio - Gabriela*, 2011. Nelson Baskerville (2011). Arquivo do autor.

*Luis Antonio – Gabriela* (2011) foi o espetáculo que me projetou na cena teatral paulistana, fazendo mais de quatrocentas apresentações, no Brasil

4 *Luis Antonio - Gabriela* estreou em 2011 no CCSP - Centro Cultural São Paulo (SP) e ganhou o prêmio de melhor direção no 24º Prêmio Shell de Teatro, melhor espetáculo no APCA-2011 e no Prêmio Governador do Estado de São Paulo-2011 como melhor espetáculo do júri popular. Ficha técnica: direção, argumento e dramaturgia: Nelson Baskerville | intervenção dramaturgica: Verônica Gentilin | diretora assistente: Ondina Castilho | assistente de direção: Camila Murano | elenco: Day Porto, Lucas Beda, Marcos Felipe, Sandra Modesto, Verônica Gentilin e Virginia Iglesias | direção musical, composição e arranjo: Gustavo Sarzi | preparador vocal: Renato Spinosa | trilha sonora: Nelson Baskerville | preparação de atores: Ondina Castilho | iluminação e cenário: Nelson Baskerville e Marcos Felipe | figurinos: Camila Murano | visagismo: Rapha Henry | vídeos: Patrícia Alegre | fotos: Ligia Jardim.

e no exterior. Mas, antes dele, além de ter realizado dois espetáculos com a AntiKatártika Teatral, minha companhia, já havia acumulado bastante experiência como professor-diretor, e não só em direção, mas também na criação de cenários, figurinos, luz, trilhas sonoras e outras funções do fazer teatral.



Fig. 10 - Anotações de ensaio de Luis Antonio - Gabriela, 2011. Nelson Baskerville. Arquivo do autor.

*Luis Antonio – Gabriela* foi construído com a Cia. Mungunzá, e fala sobre minha própria história e a relação com minha irmã trans, Gabriela. O espetáculo é composto por depoimentos de minha outra irmã, Maria Cristina, minha

madrasta Doracy, Serginho (um amigo da adolescência de Luis Antonio), além de lembranças pessoais e cartas do próprio Luis. A dramaturgia foi criada em sala de ensaio.



Fig. 11 - *Luis Antonio - Gabriela*, 2011. Direção de Nelson Baskerville, com a Cia. Mungunzá. Foto: Lígia Jardim. Arquivo do autor.

De antemão, dada a tragicidade da história, sabia que deveria lançar mão do expediente épico. À época, dizia que um drama seria insuportável para a plateia; além de desejar que minha história fosse entendida como uma tragédia que poderia ter sido evitada, e não como um caso isolado, já que milhares de corpos trans sofrem exatamente o mesmo drama.



Fig. 12 - *Luis Antonio - Gabriela*, 2011. Direção de Nelson Baskerville, com a Cia. Mungunzá. Foto: Lígia Jardim. Arquivo do autor.

Os ensaios duraram dez meses. Acredito que, por causa desse tempo estendido, pude testar muitas coisas e as atrizes e atores puderam amadurecer no processo. Tudo em *Luis Antonio* foi “inventado” e artesanalmente trabalhado. A luz era feita com malas com lâmpadas frias, que iluminavam todo o espaço e mudavam de temperatura, dependendo dos tecidos jogados sobre elas. O cenário não tinha nada de “decorativo”; era formado por camas de hospital, carrinhos de mão, bolsas de soro penduradas por todo o teto, microfones e um

leiteiro digital, usado como “a voz do autor/diretor” na cena. No episódio de Luis Antonio visitando o Museu Guggenheim, em Bilbao, caíam do urdimento dezenove telas, de aproximadamente 2x1m, com pinturas de corpos trans machucados.



Fig. 13 - Anotações de ensaio de Luis Antonio - Gabriela, 2011. Nelson Baskerville. Arquivo do autor.

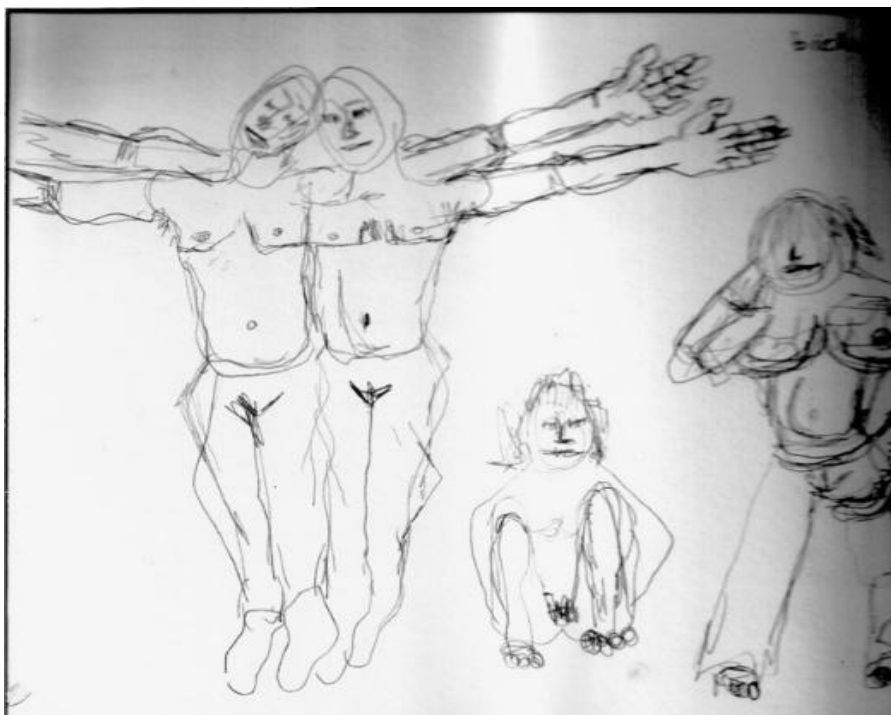


Fig. 14 - Desenhos para *Luis Antonio - Gabriela*, 2011. *Caderno de ensaios*, Nelson Baskerville. Arquivo do autor.

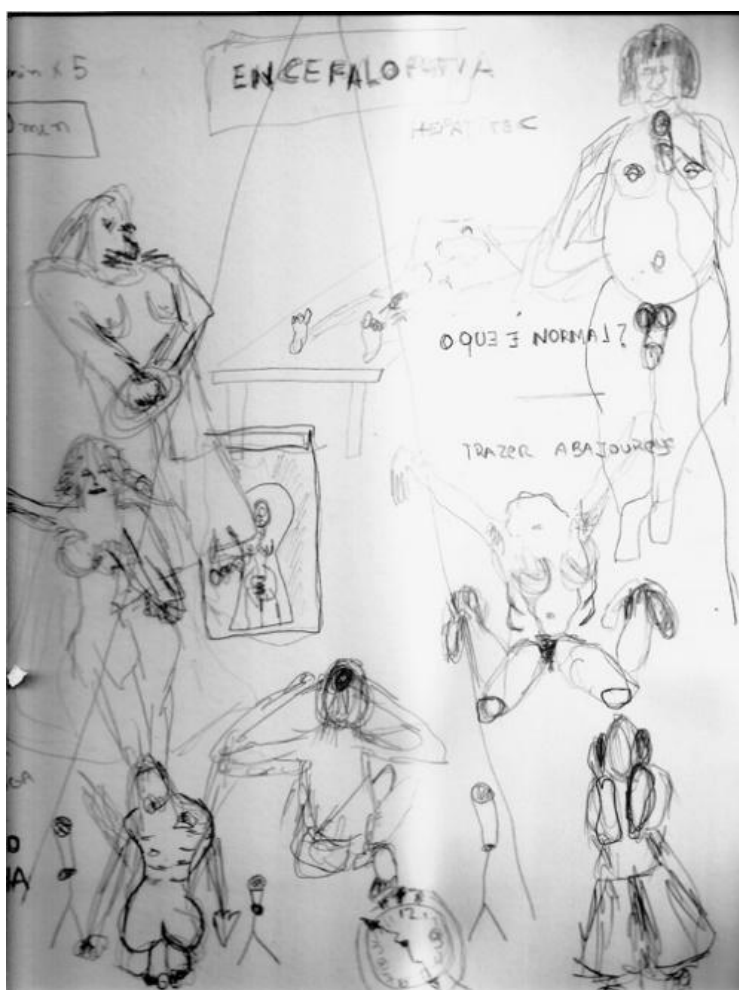


Fig. 15 - Desenhos para *Luis Antonio - Gabriela*, 2011. *Caderno de ensaios*, Nelson Baskerville. Arquivo do autor.

## 5 Fragmento V - Manifesto AntiKatártiKo (2005)

Onírica. Assim se pode definir a busca estética da Antikatártika<sup>5</sup>. Como a arte não pode nunca perder a potência de busca do original, e como hoje vivemos esse esgotamento da originalidade, é preciso, na nossa concepção, uma busca para além do novo e da palavra.



Fig. 16 - *A Vida*, 2017. Direção de Nelson Baskerville, com a Cia. AntiKatártika. Foto: Ligia Jardim. Na cena, Tamirys O' hanna, Felipe Schermann, Hercules Morais, Thaís Medeiros, Camila Raffanti e Júnior Docini. Arquivo do autor.

Nessa pesquisa, por entender a encenação teatral para além das palavras, não estou buscando o teatro dramático, onde as tramas individuais e o texto ainda são foco. Busco no teatro uma reflexão mais profunda.

Sempre senti com maior contundência os efeitos da imagem, aquela que se esconde no mundo onírico. A partir dessa busca, me deparei com diversas estéticas que convergiam para este teatro inquieto e contemporâneo, e passei a estudar o Teatro Épico, o Expressionismo e o Surrealismo, numa tentativa de união dessas várias possibilidades. Tenho em Piscator, Frank Castorf, Thomas Ostermeier e Antunes Filho minhas maiores referências.

Acredito na força da transformação que a arte e a cultura podem gerar. Se a arte mostrar o mundo em toda a sua carga de violência, o choque resultante pode levá-lo a uma revolta contra a injustiça, sendo essa a verdadeira contribuição da arte à libertação dos homens e mulheres: precisamos de formas muito além do desgastado discurso para libertar a humanidade.

==





Fig. 17 - *Mais do que pude*, 2012 - Pintura do autor. Técnica mista sobre tela \ 1,40x0,90m. Disponível em: <https://www.nelsonbaskerville.com/cat%C3%A1logo>.

## 6 Fragmento VI - Os sete gatinhos<sup>6</sup>

Trabalhei com Renato Borghi em 2012, em *Os 7 Gatinhos* (2012), na montagem que fiz do texto de Nelson Rodrigues. Borghi era o Seu Noronha, encarnando a volta aos padrões morais rígidos, que as igrejas por todo lado e sacerdotes ensandecidos têm defendido. Na montagem, as pinturas criadas por mim ganharam corpo na cena, nas imagens que evocavam essa falsa moralidade e religiosidade burguesa.

<sup>6</sup> *Os 7 Gatinhos* estreou em 2012, no Teatro de Arena Eugênio Kusnet (SP), e participou da Ocupação Nelson Rodrigues, no Itaú Cultural, e da Virada Cultural-2012. Ficha técnica: dramaturgia: Nelson Rodrigues | direção: Nelson Baskerville | assistente de direção: Carolina Bastos | elenco: Adriana Guerra, Carol Carreiro, Débora Veneziani, Elcio Nogueira, Gabriela Fontana, Greta Antoin, Michel Waisman, Renato Borghi, Roberto Arduin, Roberto Borenstein e Willians Mezzacapa | iluminação: Wagner Freire | direção musical e composição: Gustavo Sarzi | trilha sonora: Nelson Baskerville | adereços de figurino: Marichilene Artisevskis e Amanda Vieira | figurino: Marichilene Artisevskis | assistente figurino: Amanda Vieira | cenário: Amanda Vieira | visagismos: Emi Sato | aderecista: Marcela Donato | design gráfico: Amanda Vieira | fotos: Bob Sousa.



Fig. 18 - Pintura para *Os 7 Gatinhos*, 2012. *Caderno de ensaios*, Nelson Baskerville. Arquivo do autor.



Fig. 19 - *Os 7 Gatinhos*, 2012.. Direção de Nelson Baskerville. Foto: Bob Sousa. Em primeiro plano, Renato Borghi. Arquivo do autor.



Fig. 20 - *Dom Noronha*, 2012. Pintura do autor. Técnica mista sobre tela \ 1,05 X 1,64m. Disponível em: <https://www.nelsonbaskerville.com/cat%C3%A1logo>.



Fig. 21 - *Os 7 Gatinhos*, 2012. Direção de Nelson Baskerville. Foto: Bob Sousa. Arquivo do autor.

## 7 Fragmento VII - 1 Gaivota<sup>7</sup> (2015)

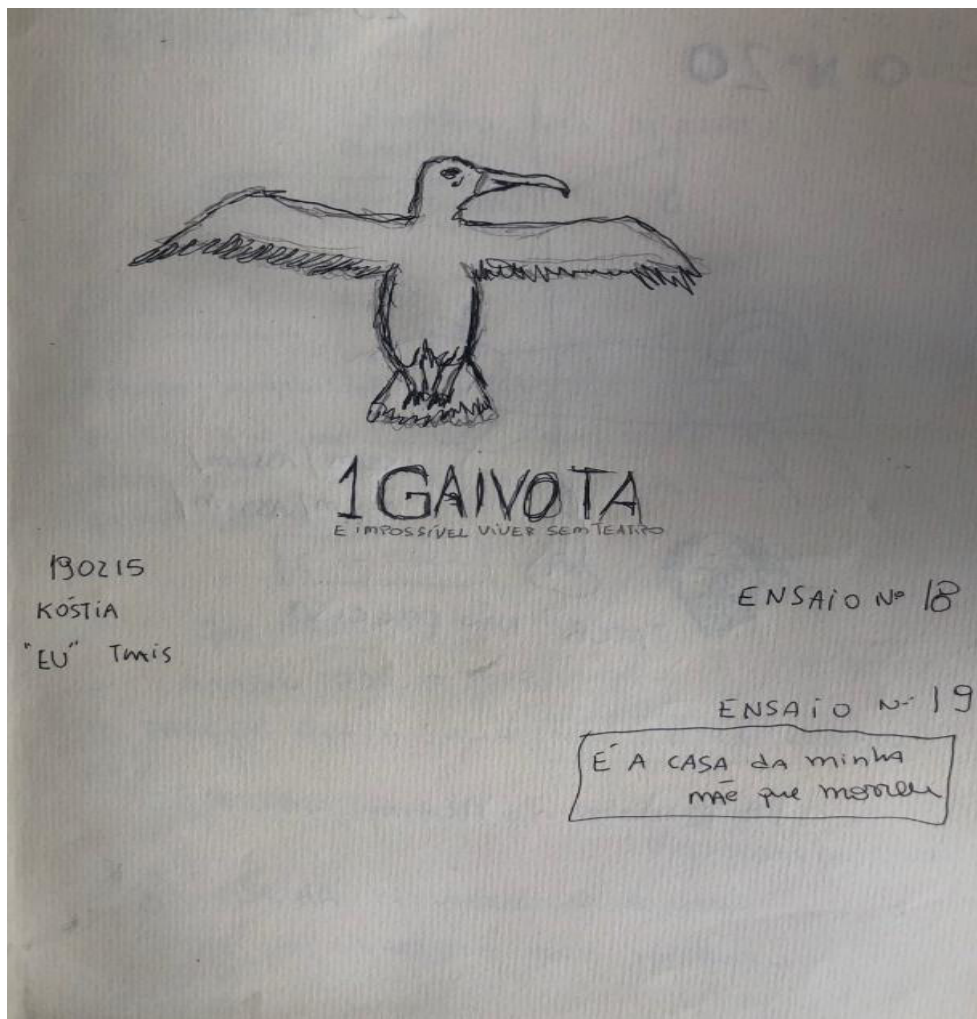


Fig. 22 - Desenho para *1 Gaivota*, 2014. *Caderno de ensaios*, Nelson Baskerville. Arquivo do autor.

Desde 2012, Renato Borghi e eu nutrimos o desejo de um reencontro teatral. Chamei a nova montagem da AKK Teatral de *1 Gaivota - É Impossível Viver Sem Teatro* (2015), em alusão a uma fala de Sorín, a personagem representada por Borghi. Na minha adaptação de Tchecov, o texto se passava numa fazenda, em Campos do Jordão...

---

7 Uma das críticas sobre a encenação pode ser lida em Abreu (2015).



Fig. 23 - *1 Gaivota - é impossível viver sem teatro*, 2015. Direção de Nelson Baskerville com a AKK Teatral. Na cena, Rafael Primot e Julia Ianina. Foto: Lígia Jardim. Arquivo do autor.



Fig. 24 - *1 Gaivota - é impossível viver sem teatro*, 2015. Direção de Nelson Baskerville com a AKK Teatral. Foto: Lígia Jardim. Em primeiro plano, Renato Borghi e Rafael Primot. Arquivo do autor.

## 8 Fragmento final: quebra-cabeças

“Aquilo para o qual temos palavras, já o deixamos para trás. Em toda fala há um grão de desprezo” (NIETZSCHE, 2006, p. 67).

## Referências

ABREU, Kil. *A liberdade de tomar Tchekhov pelas mãos*. Teatro Jornal: Leituras de cena. São Paulo, 5 de junho de 2015. Disponível em: <https://teatrojornal.com.br/2015/06/a-liberdade-de-tomar-tchekhov-pelas-maos/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BASKERVILLE, Nelson. *Nelson Baskerville*. Disponível em: <https://www.nelsonbaskerville.com/espet%C3%A1culos>. Acesso em: 02 ago. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WEDEKIND, Frank. *O despertar da primavera*. Trad. Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Editora Estampa, 2008.

**Submetido: 09/08/2023**

**Aceito em: 28/09/2023**